

DORA E FAMÍLIA: O FLORESCE DE NOVOS CAMINHOS DE AUTONOMIA E SUSTENTABILIDADE

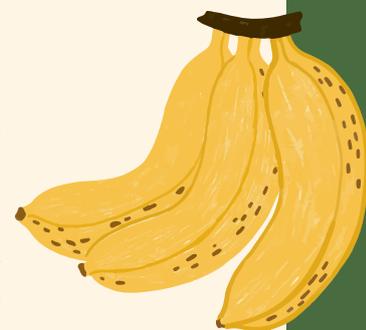
Areial, Paraíba
Outubro de 2021

DORA NASCEU QUANDO SEUS PAIS AINDA MORAVAM na terra do seu avô paterno, na mesma comunidade onde residem atualmente. A propriedade de seu avô era muito pequena, com apenas uma casa para moradia e nenhum espaço para produção.

Em 1983, Gabriel Bento, pai de Dora, depois de muita dedicação à agricultura, arrendando terra de meia e trabalhando como diarista em propriedades alheias, conseguiu adquirir uma área para produção. Em 1986, a terra foi registrada, a casa foi reformada e a família pode morar na nova propriedade.

Os anos foram passando e o pai de Dora, ocupado em melhorar as condições de fertilidade do solo arenoso e desmatado, lançou mão da estratégia de plantar em dois momentos durante o período chuvoso. A venda da primeira safra era utilizada na compra de esterco para “fortalecer” a terra e a segunda safra era guardada para garantir a subsistência da família.

Em 2000, a família fez parceria com Manuel Isidoro, antigo patrão e atual amigo, e foi morar na casa da propriedade de Manuel (onde residem até hoje), já que estava vazia e era mais estruturada. Eles também usufruíam do quintal e do espaço onde criavam os animais.



Realização



Financiadores



Em troca, passaram a ser responsáveis pela gestão da área de 10 hectares (ha) com a função de acompanhar o trabalho de terceiros e zelar pela casa do parceiro.

Em 2004, Gil, o irmão de Dora, que morava em uma comunidade vizinha, construiu uma casa na propriedade para auxiliar nos cuidados com o pai doente, que faleceu em 2007 devido a um câncer.



Com o falecimento do pai, Gil e Dora assumiram o protagonismo na gestão do agrossistema. Gil, posteriormente, passou a se dedicar mais à criação animal, enquanto Dora iniciou sua trajetória de engajamento nos espaços político-organizativos que levaram a família a ampliar consideravelmente seus horizontes.

Em 2004, acessaram um fundo rotativo solidário (FRS) para construir uma cisterna de 16.000 litros. Essa inovação foi importante para a estruturação produtiva do agroecossistema, de forma especial para os subsistemas dos arredores de casas (aves, hortaliças e plantas medicinais). A cisterna reduziu substantivamente o trabalho das mulheres de buscar água para uso doméstico.

Dora, que só havia estudado até a primeira série porque precisava trabalhar para ajudar a família, retornou à escola pelo programa de educação de jovens e adultos (EJA) em 2005, concluindo o ensino médio em 2010.

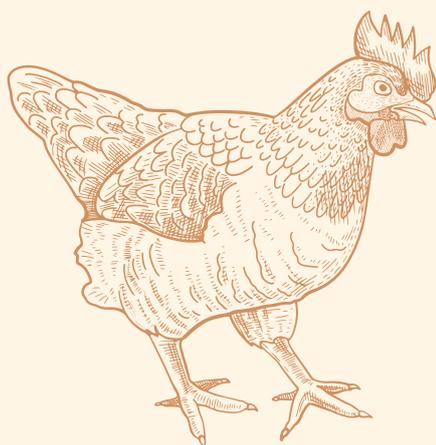
Ainda em 2010, a associação comunitária, que havia sido fundada em 1993 e estava inativa, foi reativada por um grupo de lideranças, e Dora passou a colaborar como tesoureira na diretoria da associação. Desde então, ela segue compondo a diretoria, tendo sido presidenta por uma gestão.

No ano de 2007 houve duas mudanças significativas. A primeira foi um contrato com a empresa Souza Cruz para a venda de fumo, quebrado pela família em 2013 com a justificativa de não atendimento das expectativas ensejadas. Nesse período, a família chegou a contratar 25 diaristas para a colheita da produção. A segunda se refere ao ingresso de Dora no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) de Areial.

Em 2007, toda a região teve a colheita de milho comprometida devido a uma doença. Porém, em 2008, após a participação de Dora nas ações do sindicato e sua participação no intercâmbio sobre o tema das sementes, organizada pelo Polo da Borborema e pela AS-PTA, ela conseguiu “salvar” a semente do milho crioulo.

Com sua maior participação nos espaços coletivos, em 2015, Dora se tornou gestora do Banco Comunitário de Sementes e passou a integrar a Rede de Guardiãs e Guardiões das Sementes da Paixão do Polo da Borborema.

Dora participou de todas as edições da Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, desde a primeira realizada em 2010.

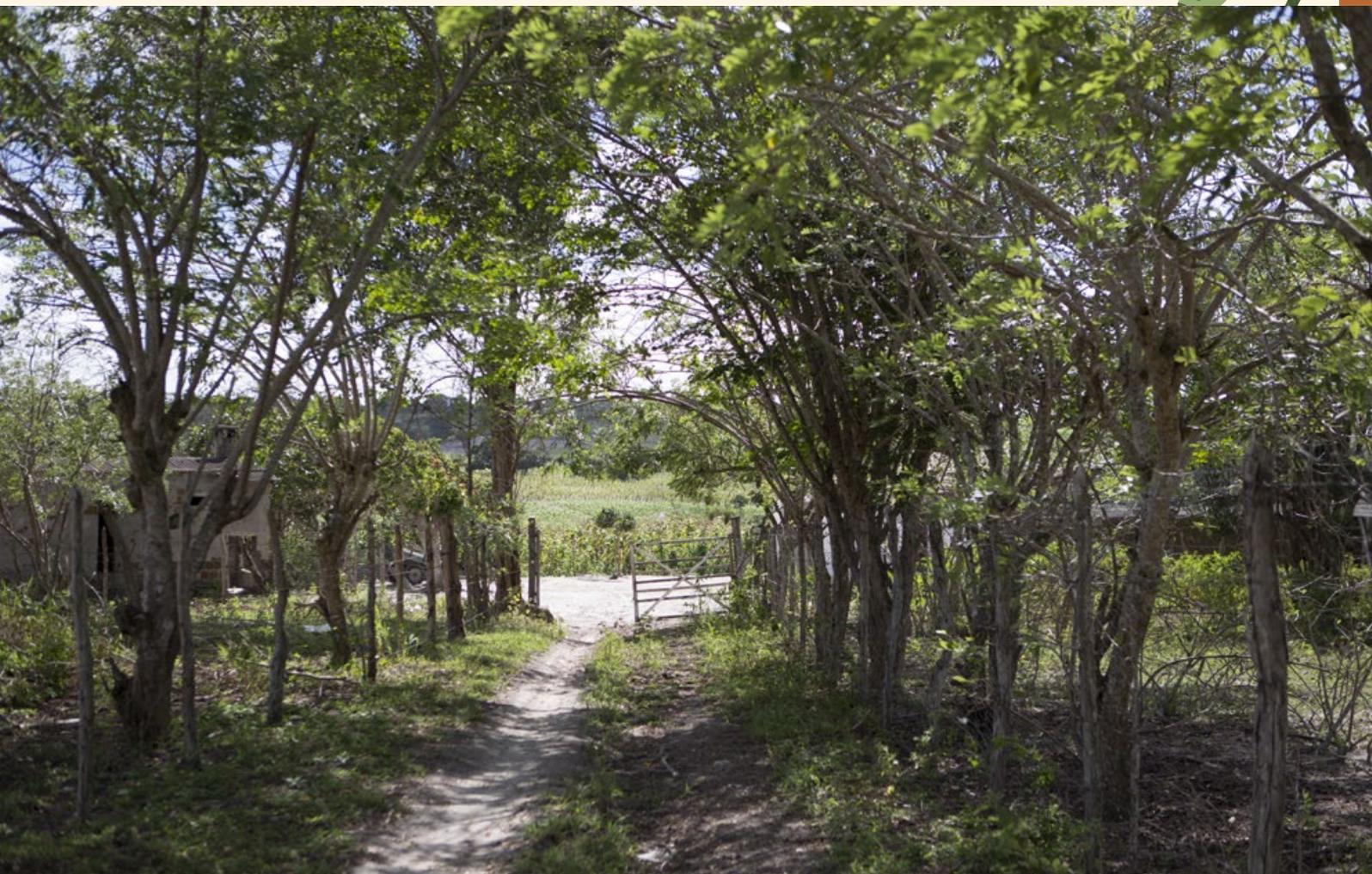


A família tem histórico de acessos às políticas públicas. Esse fato somado ao conhecimento contextualizado, que se amplia a partir da participação em redes de aprendizagem e em espaços político-organizativos, amplia e promove inovações no agroecossistema, tornando-o mais bem estruturado.

O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), por exemplo, foi acessado por Gil em diversos momentos: em 2005 e 2008, para a compra de bovinos; em 2011, para a reforma de cercas e construção de um barreiro; em 2014, para a aquisição de telas e construção de um galpão; em 2016, para a compra de adubo, carroça e um boi de tração. Em 2011, acessaram também outro programa público, o Garantia Safra.

Em 2010, a família acessou o FRS para a compra de esterco, o que segue fazendo até o presente momento.

Em 2015, a construção da cisterna calçadão por meio do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2) e o recebimento da cisterna, apesar de ser de polietileno e não de alvenaria, proporcionaram melhores condições de captação e armazenamento da água, além de melhorar a disponibilidade hídrica do agroecossistema.



A participação nos espaços coletivos de construção do conhecimento e de gestão de bens comuns no território vem contribuindo para a autonomia da família, a exemplo do uso da máquina ensiladeira do STTR, desde 2015, e do acesso ao FRS de esterco e de cisterna.

Em 2016, participaram do projeto Rio Mamanguape para a criação de galinhas. Receberam um galpão, pintos, ração e mudas de árvores frutíferas. Entretanto, devido à forte estiagem na região, boa parte da criação foi perdida.

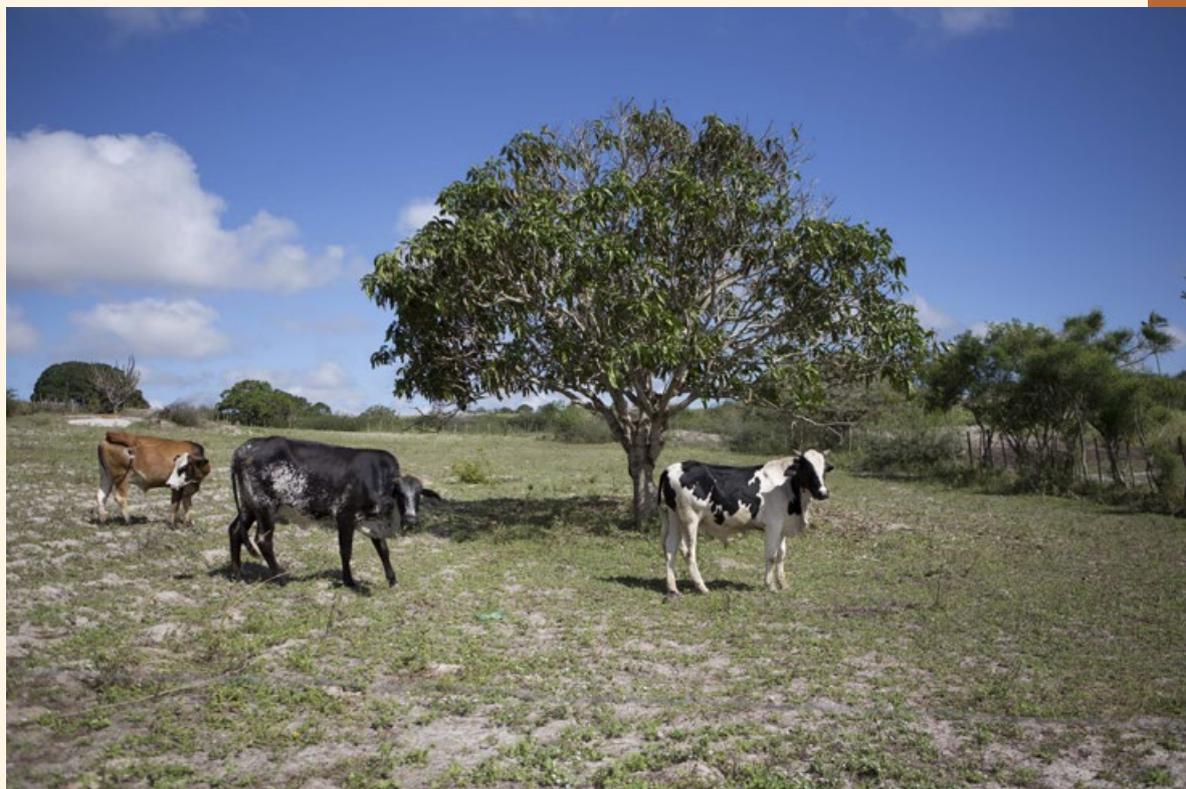


O ataque da cochonilha do carmim, em 2019, obrigou a família a arrancar toda a palma forrageira do seu agroecossistema. Atualmente, estão iniciando o plantio de palma resistente que foi acessada a partir do Polo da Borborema. Nesse mesmo ano, a família iniciou o plantio de batata-doce.

Em 2020, decidiram interromper a criação de ovinos, atividade que desempenhavam desde 2014, devido ao aumento da violência e de roubo de animais na região.

Em 2020/21, a família acessou a um novo mercado com a venda de feijão para as Cestas Solidárias, fruto da sua participação em espaços políticos organizativos ■

Fotos: Flávio Costa @flavio costa



Este Boletim foi elaborado no âmbito do Projeto Borborema Agroecológica, uma iniciativa do projeto INNOVA-AF, que busca fortalecer as capacidades das famílias por meio da gestão participativa do conhecimento e da disseminação de boas práticas para a adaptação às mudanças climáticas. Implementado durante os anos de 2018-2021 em oito países da América Latina e do Caribe, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e inclusivo do meio rural.